

**O TURISMO A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO:
As aulas-passeio promovidas por escola particular em Parnaíba (PI).**

**TOURISM IN THE SERVICE OF EDUCATION
CLASSES-WALKWAY PROMOTED BY PRIVATE SCHOOL IN PARAIBA(PI)**

**Rita de Cássia Alves de Souza¹
Karol Monteiro Mota Melo²
André Riani Costa Perinotto³**

Resumo: Sociabilidade, conhecimento, autoconhecimento, informação e formação são ambições humanas. Estas ambições aproximam o Turismo e a Educação no sentido de que ambas as atividades, a prática educativa e a atividade turística, contribuem para o desenvolvimento humano e, por este motivo, são foco desta pesquisa, cujo objetivo geral é o de analisar como as atividades de campo, aqui denominadas de aula-passeio, promovidas por uma escola particular de Parnaíba (PI), exercem influência positiva na educação de seus alunos. Constitui-se, portanto, de um estudo de caso, com corte qualitativo. Observou-se que as aulas-passeio contribuem para a interação do aluno com o meio onde vive, gerando um círculo de relações, as quais permitem caracterizar esse tipo de atividade como uma forma de lazer e turismo aplicados à educação.

Palavras-Chave: Turismo Pedagógico, Educação, Aprendizagem, Aulas passeio

Abstract: Sociability, knowledge, self-knowledge, information and education are human ambitions. These ambitions closer tourism and education in the sense that both activities, educational practice and tourism, contribute to human development and, therefore, are the focus of this research, whose general objective is to analyze how the field activities, here called class-drive, promoted by a private school Parnaíba (PI) have positive influence on the education of their students. It is, therefore, a case study with a qualitative. It was observed that the lessons-walking contribute to the student's interaction with the environment where they live, creating a circle of relationships, which allow to characterize such activity as a form of recreation and tourism for education.

Keywords: Tourism Education, Education, Learning, Classes-walkway.

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Piauí.

² Bacharel em Turismo pela Universidade de Fortaleza (CE); Mestre em turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Professora Assistente do curso de bacharelado em turismo da Universidade Federal do Piauí.

³ Bacharel em Turismo pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Especialista em Ensino Superior pelo SENAC/SP, Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Rio Claro-SP), Doutorando em Ciências da Comunicação pela UNISINOS/RS. Professor do curso de Turismo da Universidade Federal do Piauí

INTRODUÇÃO

O ponto principal de aproximação entre Turismo e Educação são as relações sociais existentes nas duas atividades. Em ambas, as experiências são muito significativas para o participante, e podem conduzi-lo a entendimentos diversos sobre as relações humanas e as formas de compreender e organizar o mundo. Considerando que o turismo e a educação fazem parte de fontes de troca de informações bem como, são mecanismos de formação e de atividades de sociabilidade é que ambos foram eleitos como foco deste trabalho.

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu da percepção da potencialidade da atividade turística como instrumento capaz de dinamizar as práticas pedagógicas através, principalmente, da vivência que proporciona. A partir disto, definiu-se como objetivo geral analisar como as atividades de campo, aqui denominadas de aula-passeio (turismo pedagógico), promovidas por uma instituição de ensino particular situada em Parnaíba (PI) exercem influência positiva na educação de seus alunos; e como objetivos específicos, apresentar a relação existente entre a educação e a atividade turística por meio de pesquisa bibliográfica; verificar quais as atividades de campo realizadas pela escola em questão; analisar como é trabalhada a atividade turística no colégio em estudo; identificar as vantagens encontradas pelos professores com a realização de aulas-passeio.

Atualmente, não há muitos trabalhos em turismo, versando sobre o tema. Em breve pesquisa em periódicos nacionais (Turismo em Análise, Caderno Virtual de Turismo, Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo) verificou-se que poucos estudos trabalham a relação entre Turismo e Educação: Turismo como meio de promoção da educação patrimonial informal para idosos (LIMA, SIMSON, 2010); Atividades de turismo como recurso para incrementar a formação de alunos do ensino fundamental em história (VENERA, 2010); e Educação para o turismo (FONSECA FILHO, 2007).

Já em revistas científicas da área de Educação (Diálogo Educacional, Eccos, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos), por sua vez, não foram encontrados estudos que trabalhassem a temática. Desta forma, entende-se que o estudo na área pode ser amplamente explorado. A escassez de pesquisas na área configura-se igualmente como uma dificuldade e uma oportunidade. A carência de trabalhos dificultou a construção do referencial teórico para embasamento da pesquisa, no entanto, permitiu que a fase exploratória fosse trabalhada de forma mais livre, permitindo a elaboração de um estudo válido, embora de caráter bastante introdutório. Portanto, para tratar do histórico das viagens e sua relação com a ação pedagógica ao longo do tempo foram utilizados Andrade (2004), Barretto (2001), Ignarra (2003), Yasosshima e Oliveira (2004), Salgueiro (2002). Para melhor entender o turismo pedagógico e as estruturas que o dão forma foi necessário resgatar autores que tratam do lazer (DUMAZEDIER, 1973; MARCELLINO, 1987) e da educação (DURKHEIM, 1962; FREIRE, 1997; PARO, 1998; SMOLE, 2002) para, por fim, vinculá-los à atividade turística, trabalhando autores que versam sobre turismo (BENI, 1998; PECATIELLO, 2005; VINHA, 2005).

Este estudo configura-se como um estudo de caso, uma vez que se trata de uma investigação sistemática de uma organização específica, uma escola particular, que há 35 anos atua no ensino fundamental e médio, localizada na cidade de Parnaíba/PI. O tratamento de resultados foi feito com base na análise do discurso, constituindo assim uma pesquisa de corte qualitativo. Foram enviados vinte questionários para os professores do ensino fundamental da escola em questão, uma vez que os professores do ensino médio mantêm sua atenção voltada para preparação para o concurso vestibular e não realizam aulas-passeio com seus alunos, e obteve-se o retorno de treze professores. Para cada resposta (discurso) obtida (o), foram atribuídas (os) expressões de redução de significado que sintetizassem a afirmação dos respondentes e

permitissem o agrupamento das respostas que trabalhassem uma mesma temática. A partir do tratamento das informações obtidas pôde-se delinear o funcionamento das aulas-passeio na escola estudada, bem como seus resultados.

DAS NECESSIDADES DE DESLOCAMENTO AO RECURSO PEDAGÓGICO: O TURISMO NO PERCURSO DO TEMPO.

A história das viagens confunde-se com a própria história do homem, uma vez que este precisava migrar de um espaço para outro em busca da garantia pela sobrevivência. Registros históricos apontam que, já na antiguidade, milênios antes de Cristo, os migrantes ou povos nômades saíam de seus territórios em busca de outros espaços nos quais pudessem suprir suas necessidades básicas de alimentação e segurança. Pode-se inferir que estas viagens não aconteciam com intenção de retorno ao lugar de origem, o que distancia as primeiras movimentações humanas daquilo que concebemos hoje como turismo (BARRETTO, 2001). Os primeiros deslocamentos que se assemelham ao que consideramos turismo podem ser creditados às viagens realizadas por gregos e romanos, no período da antiguidade clássica.

Os gregos viajavam motivados pela religiosidade, pelo apego deísta e também em busca de cura aos males do corpo, o que se assemelha ao turismo de saúde. Há registros de gregos que viajavam por longos períodos na crença de que os banhos em fontes de águas minerais poderiam proporcionar cura de diversas doenças (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002). Ainda na antiguidade clássica, o acontecimento das olimpíadas motivou gregos de diversas partes a viajarem para Olímpia. Duas características facilitavam as viagens entre os gregos: a existência de uma moeda, o que diminuía a necessidade de levar bens como fonte de troca ou venda; e o conhecimento da língua grega difundido no mediterrâneo (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002).

Os romanos, por sua vez, tinham características mais catárticas e viajavam motivados pelos prazeres. Considera-se como grande fator de estímulo às viagens entre os romanos, a segurança militar proporcionada pelas tropas do império. O vasto império conquistado permitia ao viajante cruzar grandes distâncias sem correr riscos de saques e assaltos (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002). A facilidade da moeda e da língua, a exemplo da Grécia, também favorecia os deslocamentos. O comércio foi fartamente estimulado e, por consequência, as viagens ocorriam com maior brevidade (BARRETTO, 2001). A partir do comércio, viu-se surgir uma classe média que poderia gozar de períodos de ócio no verão nas cidades-balneário e, posteriormente, nas estâncias termais (semelhantes aos resorts atuais). Ainda durante o império romano, a construção de estradas que compunham uma, até então, impensada estrutura viária, foi fator preponderante para que os deslocamentos acontecessem (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002).

A queda do Império romano provocou enorme retração na ocorrência das viagens. As estradas declinaram e perderam a garantia de segurança. Viajar tornou-se árduo e perigoso e somente arriscavam-se nestas empreitadas aqueles que realmente tivessem necessidade de fazê-lo (BARRETTO, 2001). A Igreja Católica exerceu grande influência sobre os deslocamentos nesse período, que voltaram a acontecer gradativamente, dessa vez relacionados à necessidade de cura e purificação da alma, o que pode ser considerado como um início do que hoje entendemos por turismo religioso. A descoberta da tumba de Santiago de Compostela incentivou sobremaneira o fluxo de viajantes (BARRETTO, 2001).

O movimento das cruzadas e a tentativa de recuperação do Santo Sepulcro também contribuíram para que os deslocamentos tornassem a acontecer (BARRETTO, 2001). No período final da Idade Média, os males como a peste bubônica e a pneumonia

reduziram drasticamente a população europeia e viajar deixou de ser considerado importante ou necessário (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002).

No início do século XV, as movimentações tomavam outra forma: Viagens marítimas e de descobrimento (BARRETTO, 2001). Apesar das cruzadas, os deslocamentos motivados por peregrinações religiosas católicas continuaram a diminuir em virtude da expansão do protestantismo na Europa. Deu-se início o movimento do Renascimento Italiano, por meio do qual a ânsia pelo novo, pela descoberta e pelo aprendizado eram sentimentos estimulados. De acordo com Yasoshima e Oliveira (2002), foi no período do Renascimento que se assistiu ao surgimento de grandes universidades, como Oxford, Paris, Salamanca e Bolonha. No mesmo período, o movimento romancista substituiu os modos de pensar e ver as paisagens. Espaços naturais que, até então, eram considerados como inóspitos e frios, passaram a ser contemplados como espaços para reflexão e busca interior. O momento propiciava as viagens de aprendizado e reconhecimento (BARRETTO, 2001).

O interesse por outras culturas era estimulado e considerado uma forma de educação (IGNARRA, 2003). Neste período, os jovens ingleses deveriam viajar acompanhados de seus tutores para conhecer grandes capitais, como forma de complementação dos seus estudos. A prática que ficou conhecida como Grand Tour era incentivada e, em alguns casos, custeada pela Coroa Inglesa, que acreditava estar formando os futuros estadistas. Dessa forma, ao retornar de suas viagens, os jovens ingleses estariam preparados para assumir cargos de destaque, fossem estes civis ou militares (BARRETTO, 2001). Somente eram considerados detentores de cultura, os jovens ingleses que incluíssem em sua formação um Grand tour pela Europa, acompanhados de seus mestres (ANDRADE, 2004).

Não por acaso, este fenômeno coincidiu com a primeira etapa de consolidação do capitalismo. Embora ainda fossem precárias

as condições para o deslocamento e para a realização das viagens, havia um novo olhar e a revalorização do conhecimento, que se destacavam como características da sociedade burguesa emergente (SALGUEIRO, 2002). Isto explicita porque, grande parte dos viajantes do século XVIII era proveniente da Inglaterra, berço do capitalismo europeu. Segundo Salgueiro (2002, p. 291), “no século XVIII todo inglês de posses passou a ter incluso em sua formação um *tour* continental” que incluía um circuito envolvendo Paris, Roma, Veneza, Florença e Nápoles.

O propósito do *Grand Tour* era educacional, voltado para visitas a lugares culturais e históricos, observando ainda maneiras e costumes das nações estrangeiras. Tratava-se de fazer com que os jovens vivenciassem aquilo que já conheciam por meio de fontes literárias. As viagens culturais eram realizadas em companhia de um tutor e duravam de seis meses a um ano e meio, podendo, em alguns casos, alcançar dois anos. Os jovens privilegiados alojavam-se em castelos, fortalezas e mansões feudais nos países europeus, articulando uma troca de informações e conhecimentos. O *Grand Tour* foi interrompido, em 1789, pela Revolução Francesa, seguida pelas guerras napoleônicas (BARRETTO, 2001).

Considera-se, portanto, que, ao aliar as viagens ao processo educativo, o *Grand Tour* seja o antecessor do que hoje se denomina Turismo Pedagógico.

TURISMO PEDAGÓGICO: LAZER E APRENDIZAGEM

O turismo pedagógico, prática constituída de viagens realizadas por instituições de ensino, pode ser percebido como uma ferramenta didática a ser utilizada com fins de facilitar o processo de aprendizagem (PECCATIELLO, 2005). Reconhecendo a necessidade atual do sistema educacional em desenvolver novas práticas educativas, com enfoque numa construção social do sujeito crítico, o turismo pedagógico se coloca como uma alternativa importante, capaz de contribuir com as

escolas, proporcionando uma interação entre o sujeito e o meio, através da vivência.

A realização do turismo pedagógico pretende reunir a atividade pedagógica, voltada para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do aluno, e a ludicidade, encontrada naturalmente nos passeios. Desta forma, refere-se à aprendizagem prazerosa, aliada à ampliação do conhecimento, negando o prazer alienado e improdutivo (VINHA, 2005). Levando-se em consideração o lazer como uma necessidade humana, torna-se pertinente justificar a inclusão de práticas educativas, que contemplem ao mesmo tempo educação e lazer na escola formal, através do turismo pedagógico.

No Brasil, os estudos do lazer sofrem uma grande influência do conceito apresentado por Dumazedier (1973), segundo o qual a motivação para as atividades de lazer podem ser agrupadas em cinco categorias: interesses físicos, interesses práticos ou manuais, interesses artísticos, interesses intelectuais, e interesses sociais. Contudo, autores, como Marcellino (1996), acrescentam uma sexta categoria: a de interesses turísticos. Dessa forma, percebe-se que o Turismo é entendido como uma atividade que também proporciona o lazer pessoal, através do contato com outras culturas e outras realidades. Longe de ser considerado como algo fútil, ou *um desfile superficial por lugares diferentes*, o Turismo deve ser entendido como uma atividade cultural de lazer, oportunidade de conhecimento, de enriquecimento da sensibilidade, de percepção social e experiências sugestivas (MARCELLINO, 1996).

Dentre os interesses turísticos, torna-se importante destacar que o turismo pedagógico, ao promover o desenvolvimento de valores construtivos, configura atitudes que são características importantes do lazer, como o estabelecimento de relações entre o sujeito e a experiência vivida, ou seja, a satisfação provocada pela atividade. Por esse motivo, a ligação do turismo pedagógico com o lazer, está caracterizada pelo aspecto atitudinal e

não pelo aspecto temporal, pois essa atividade não é realizada no tempo livre como apresentam as definições de lazer.

Marcellino (1987) acredita na mútua influência que pode existir entre as áreas de educação e lazer como parte do processo educativo, destacando que não só a educação pode utilizar-se dos instrumentos de lazer, como também através da educação a escolha do lazer pode ser feita de forma mais positiva, crítica e menos alienante. Para essas relações dá-se o nome de educação pelo lazer e educação para o lazer. Incluir o lazer no processo educativo significa apresentar mais uma alternativa favorável na tentativa de contribuir para uma educação mais eficiente, tendo no turismo, uma real possibilidade de proporcionar um confronto da teoria e da prática dos conteúdos abordados. Sendo uma estratégia de ensino-aprendizagem que utiliza o ambiente como material didático, o turismo pedagógico tem a capacidade de promover a abordagem de conteúdos de diversificadas disciplinas simultaneamente, ou seja, além de possibilitar o confronto entre teoria e realidade, promove a interdisciplinaridade.

Demo (1996) enfatiza que a ligação entre teoria e prática é necessária para que o educando seja capaz de tornar-se autônomo, um ser crítico, capaz de criar, recriar e manejar conhecimento. Raykil e Raykil (2005) acrescentam que a adoção do turismo pedagógico, além de tornar possível aprender na prática o que foi estudado em sala, representa a integração de conteúdos curriculares em projetos multidisciplinares, pois o mesmo trata-se de uma atividade de “caráter interdisciplinar e rico no processo de construção do conhecimento socialmente adquirido” (RAYKIL e RAYKIL, 2005, p.5).

Ao considerar que a educação é um processo utilizado pelos adultos para preparar os jovens para uma vida em sociedade, atendendo as atitudes consideradas importantes no meio em que estes jovens vivem (DURKHEIM, 1962) e que se trata também de uma prática social que se apropria do saber construído historicamente para atualizar a condição histórica e social do

homem que, ao reconstruir sua história, produz conhecimentos e comportamentos (PARO, 1998), pode-se afirmar que a educação é um processo permanente de construção e reconstrução de conhecimentos, que envolve todo um conjunto de interações, provenientes das relações sociais e de produção.

Freire (1997, p. 79) destaca que o homem é um “ser programado para aprender, inacabado, mas consciente de seu inacabamento, por isso permanece na busca, indagador, ansioso em torno de si e de si no e com o mundo e com os outros”. Nesta busca pelo encontro de si com o mundo, entende-se que o cotidiano de uma determinada localidade torna-se, além de um elemento de estímulo à curiosidade, fator de entendimento, contextualização, e memorização prazerosa que estimula a busca por novos entendimentos, ou descoberta de novos prazeres (MENEZES, 2004). Para Smole (2002), os conteúdos veiculados por uma escola devem contribuir para que o aluno compreenda, interprete, questione e proponha soluções para a realidade do local onde vive. Neste caso, a aprendizagem pode ser considerada significativa se estiver relacionada à possibilidade dos alunos aprenderem por múltiplos caminhos (SMOLE, 2002, p.10).

O Turismo Pedagógico é uma ferramenta de educação que na prática demonstra a teoria das salas de aula. Pode ser vivenciado junto à natureza, ao campo, à área urbana, às áreas históricas, onde os alunos entram em contato com a comunidade local, sentem as dificuldades do cotidiano da localidade e adquirem novos conhecimentos e informações sobre o espaço visitado, interagindo com os atrativos/recursos turísticos visitados.

Para Perinotto (2008), geralmente, é uma prática prazerosa que dificilmente é recusada pelos estudantes, que apreciam a possibilidade de participar de uma viagem ou de um passeio nos arredores da escola, pela cidade ou uma excursão pela região. Neste contexto, os objetivos didáticos são alcançados de forma lúdica, pois as atividades

pedagógicas são desenvolvidas com brincadeiras e entretenimento.

Segundo Hora e Cavalcanti (2003), o turismo pedagógico pode ser planejado e desenvolvido por equipes multidisciplinares formadas por bacharéis em Turismo e por professores de diversas áreas, visando elaboração de propostas de atividades que incluam algum tipo de deslocamento do ambiente escolar, como por exemplo, uma visita aos atrativos naturais de um município, a uma fazenda, a um parque ou participação em um acampamento.

O que se pretende com a atividade do turismo pedagógico é organizar situações de aprendizagem que, relacionadas aos conteúdos curriculares, promovam o desenvolvimento de valores éticos e estéticos, proporcionem atitudes que favoreçam o respeito ao próximo, a solidificação de amizades, a noção de pertencimento e identidade para com um grupo ou espaço social, e, ainda, que permitam a experiência de autonomia, elaboração conjunta de regras de convivência, dentre outras (PERINOTTO, 2008).

As viagens e as excursões incluem aprendizagens que ocorrem em, pelo menos, três momentos: o do planejamento, isto é, a fase de organização, que deveria contar com a participação dos estudantes, num exercício de democracia, através da escolha do lugar a ser visitado, da elaboração de regras, da pesquisa sobre o local a ser visitado; o da execução propriamente dita, através da observação e coleta de dados, da fruição do prazer de dirigir o olhar para uma paisagem; o das atividades de retorno, através da sistematização de conhecimentos, de montagens de relatórios, de organização de painéis com fotos, com desenhos e textos (PERINOTTO, 2008).

Estabelece-se, portanto, uma ligação entre a atividade de turismo e a pedagogia, entendendo esta última, como responsável pelos instrumentos utilizados no processo de aprendizagem, objetivando mais qualidade na educação. Para Beni (1998), a mobilidade, proporcionada pelo turismo pedagógico, põe

os alunos em contato com muitas pessoas, amplia e enriquece as maneiras de pensar e de atuar, expandindo o acervo cultural. Dentro destes pressupostos, o Turismo, ao ser utilizado como uma estratégia de ensino-aprendizagem garante a aprendizagem tanto das matérias curriculares, quanto de valores como o respeito à diversidade cultural e ao meio ambiente.

Ao planejar e realizar o turismo pedagógico, a equipe escolar tem a possibilidade criar uma nova narrativa dos conteúdos e de oferecer uma interação com o outro, seu modo de vida, costumes, necessidades, problemas. Desta forma, os conteúdos podem tornar-se mais palatáveis e adaptáveis à realidade do estudante. O que se busca é a organização de situações de aprendizagem relacionadas aos conteúdos curriculares, valores éticos e estéticos, além de atitudes formativas e dialógicas, como as propostas por Freire (2005).

AULAS-PASSEIO PROMOVIDAS POR ESCOLA PARTICULAR EM PARNAÍBA (PI)

O colégio estudado é uma instituição de ensino, localizada na cidade de Parnaíba (PI), inaugurada em 1978, oferecendo, à época, o ensino primário para crianças de ambos os sexos, tendo se expandido e passado a oferecer também o ensino médio a partir de 1981. A instituição é privada e está organizada em séries anuais, operando nos turnos matutino, vespertino e noturno, as modalidades do maternal, ensino fundamental, ensino médio, ensino médio normal e curso pré-vestibular. A escola é reconhecida em todo o estado do Piauí por promover atividades acadêmicas diversificadas (participação em projetos como o Desafio National Geographic Brasil, Olimpíadas Brasileiras de Biologia, e realização de aulas-passeio), com objetivo de estimular seus alunos.

Considerando a necessidade de entender o funcionamento das aulas-passeio realizadas pelo colégio, como forma de avaliá-las como prática positiva para o aprendizado dos alunos

da instituição, conforme definido no objetivo geral deste trabalho, foi realizada, no primeiro semestre de 2010, pesquisa junto aos professores do ensino médio envolvidos com a realização destes passeios.

Inicialmente, se buscou traçar um perfil do profissional envolvido com o turismo pedagógico, ao que se obteve: Os professores, em geral (54%), atuam no magistério há mais de cinco e possuem faixa etária entre 31 e 40 anos. São professores (39%) polivalentes, ou seja, ministram aulas em diversas disciplinas simultaneamente, a exceção dos professores de língua inglesa (15%), língua portuguesa (15%), artes (8%) e ciências (8%). Percebe-se, portanto, que se trata de professores com experiência didática e que, considerando a polivalência, trabalham com a multidisciplinaridade. Estes professores costumam realizar aulas-passeio semestralmente (84%), trimestralmente (8%), ou anualmente (8%).

Quando questionados sobre quais são as atividades de campo que costumam realizar com seus alunos, os professores citaram: visita a exposições; participação nos projetos de limpeza de praias; trabalho com coleta seletiva de lixo e visita ao lixão da cidade de Parnaíba, referente ao projeto da escola "Faça do Lixo um Luxo"; visita à usina eólica da Praia da Pedra do Sal; passeio pelas ruas do bairro da escola; visita ao centro histórico da cidade (praças, igrejas, casario e Porto das Barcas); e visitas a empresas particulares da cidade de Parnaíba.

Ao serem perguntados sobre quais os lugares já visitados em suas aulas-passeio, os professores citaram: praia da Pedra do Sal; museu do trem de Parnaíba; Beach Park em Fortaleza-CE; Parque Nacional de Sete Cidades-PI; lixão de Parnaíba; lagoa do Portinho; ruas e avenidas do entorno da escola; exposições artísticas; usina eólica da Pedra do Sal; indústria de laticínios, companhia de água e esgotos, companhia de energia; Porto das Barcas; Cajueiro de Humberto de Campos; Centro Cívico; e Delta do Rio Parnaíba.

Em relação aos critérios utilizados para a definição dos destinos das aulas-passeio, os professores relataram que a escolha está baseada no projeto pedagógico desenvolvido pela escola: “Geralmente, são de acordo com as propostas trabalhadas a cada bimestre”, “O local e as formas de trabalho são escolhidos de acordo com o projeto pedagógico da escola”. Alguns professores comentaram que, além do projeto pedagógico, as visitas dependem também do conteúdo teórico de cada disciplina: “de acordo com o conteúdo ministrado em sala de aula”, “é uma adaptação ao conteúdo programático”.

Em relação às vantagens percebidas no processo educativo por meio da realização das aulas-passeio, os professores apontaram que o maior benefício estava relacionado à vinculação de teoria à prática: “É de bom proveito, porque o aluno tem contato com a realidade e pratica o que ele estudou teoricamente”, “relacionando teoria e prática torna-se o ensino algo mais prazeroso para o educando e a aprendizagem ocorre num contexto mais amplo”, “o aluno visualiza na prática, a teoria abordada em sala de aula”. As proposições vão ao encontro do pensamento de Marcellino (1987), Raykil e Raykil (2005) e Demo (1996), segundo os quais estimular o aluno a fazer ligação entre a teoria e a prática por meio da análise crítica de sua realidade, instigar a produção própria para conduzir à autonomia e praticar a pesquisa como forma de buscar o saber são procedimentos que contribuem para alicerçar o aprender a aprender, pois “mais do que obter conhecimento disponível, trata-se de habilitar a pessoa a manejá-lo e produzi-lo” (DEMO, 1996, p.30).

Outro fator significativo apontado como positivo foi a transformação da aprendizagem em uma atividade lúdica, como forma de garantir um melhor resultado pedagógico: durante as visitas, percebemos “mais atenção por parte do educando, podendo absorver o que está sendo explorado (conteúdo) de forma mais prazerosa”; “quando a criança visualiza, muda a sua forma de abstrair o que vai ser trabalhado, o aprendizado ocorre de maneira

prazerosa”; “os alunos se envolvem nas aulas-passeio, porque são prazerosas”. Resgata-se, portanto, a colocação de Menezes (2004) que considera que se apreende que o aluno, em contato com o meio, tem estimulada sua curiosidade, sua capacidade de contextualização e, principalmente, a descoberta por outros prazeres e, em consequência destes, novos saberes.

Foi verificado ainda, de acordo com os professores, que os alunos conseguem uma apreensão significativa por meio da vivência: “muitas aprendizagens baseiam-se na observação, as informações que recebemos pela percepção ficam retidas em nossa memória, e podemos utilizá-la diretamente”; “quando a criança visualiza o que dizemos concretamente a aprendizagem se torna mais significativa”. Mais uma vez, o relato confirma o pensamento teórico segundo o qual a capacidade de apreensão e compreensão dos alunos está diretamente relacionada à possibilidade de utilização de múltiplas ferramentas de educação (SMOLE, 2002), como é o caso do turismo pedagógico.

O fortalecimento das relações também foi apontado pelos professores como um fator benéfico alcançado pelo turismo pedagógico: “os alunos se envolvem com o objeto de estudo (local visitado) e fortalecem seus laços entre colegas e professores”. A percepção acerca da existência de maior vínculo do educando com o meio e com as pessoas que vive em seu entorno, ratifica a teoria de Freire (1997), destacando que o ser humano é um ser que tem necessidade de entender a si, ao mundo e aos outros na busca de encontrar-se.

Ao serem indagados sobre a forma sob a qual são trabalhados os conteúdos teóricos durante as aulas-passeios, os professores responderam que costumam trabalhar em sala de aula com texto, leitura, discussão e interpretação do mesmo, e que, uma vez em campo, buscam resgatar o que foi trabalhado, explorando ao máximo a relação com o ambiente em que estão inseridos, vinculando a teoria ao que está sendo visto factualmente. Segundo os professores, essas vivências permitem aos alunos “chegar a uma

observação exploratória e reflexiva, analisando o que se objetiva e mediante a experiência pessoal transformar o mundo real em conhecimentos adquiridos”.

Após cada aula-passeio, todos os professores realizam alguma forma de avaliação dos resultados obtidos, por meio de atividades como trabalhos e debates. Outros instrumentos de avaliação apontados foram: participação dos alunos em atividades ainda durante o passeio, discussão sobre tema e conteúdo abordados durante o passeio, relatórios, questionários e trabalhos artísticos como pintura e desenhos.

Por fim, ao serem solicitados a definir o que representam as aulas-passeio no processo educativo dos alunos, os professores relataram que a aprendizagem significativa é o que melhor representa a atividade extra-sala: “educação significativa”; “aprendizagem significativa”. Os docentes também resgataram a importância da ludicidade, como forma de garantir aprendizado: “educação prazerosa”, “prazer ao estudar”; e, mais uma vez, afirmaram que a relação entre teoria e prática é uma importante referência obtida durante as aulas-passeio: “vivência da teoria”. Dos treze professores questionados, sete citaram a aprendizagem significativa como definição representativa das aulas-passeio no processo educativo.

Neste sentido, resgata-se que “uma aprendizagem significativa está relacionada à possibilidade dos alunos aprenderem por múltiplos caminhos e formas de inteligência, permitindo aos estudantes usar diversos meios e modos de expressão” (SMOLE, 2002, P.10).

Reconhecendo a necessidade atual do sistema educacional em desenvolver novas práticas educativas, com enfoque numa construção social do sujeito crítico, o turismo pedagógico coloca-se, na perspectiva dos professores do colégio, como uma alternativa importante, capaz de contribuir com as escolas, proporcionando uma interação entre o sujeito e o meio, através da vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo pedagógico é uma prática que procura proporcionar a convivência entre pessoas de culturas diferentes, apresentando situações favoráveis para a prática do aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, propiciando uma pedagogia participativa, por meio da qual os alunos são estimulados a envolver-se ativamente com o ambiente e com as pessoas que os rodeiam.

Reconhecendo o papel das escolas na formação de cidadãos críticos, entende-se que o planejamento de atividades extra-classe e interdisciplinares pode contribuir para alcançar tal formação. Portanto, a formação do indivíduo como sujeito atuante, deverá estar ligada a propostas acadêmicas e políticas, de interesse de todos os setores da sociedade.

É pela necessidade de educar novas gerações para convivência, para o respeito e para a tolerância entre as pessoas, que a educação é chamada a desempenhar um papel relevante na preparação para a diversidade e prevenção da intolerância. É nesse contexto que o turismo pedagógico surge como uma alternativa para a prática de ensino. A prática do turismo pedagógico na escola estudada é um exemplo de como as aulas-passeio são uma ferramenta didática valorosa.

Uma das principais características do Turismo Pedagógico é que sua estruturação está vinculada ao currículo escolar, isto é, deve estar orientado para atingir objetivos presentes no Projeto Pedagógico da Escola. No entanto, a diversão, o entretenimento e o prazer, ícones das atividades ligadas ao Turismo, devem estar presentes nas atividades ligadas ao Turismo Pedagógico.

Na intersecção entre as atividades pedagógicas voltadas o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais dos alunos com as atividades lúdicas e de entretenimento, próprias dos passeios e das viagens, reside o espaço do Turismo Pedagógico. É o espaço da aprendizagem feita com prazer, mas não é aquele prazer

típico da alienação, é o prazer que é fruto da ampliação do conhecimento, do esclarecimento, da convivência e do lúdico.

Um desafio que se coloca reside na ampliação das possibilidades de acesso ao turismo pedagógico (aulas passeio) para um número maior de estudantes, principalmente aqueles que dependem de forma majoritária das ações da escola para ampliarem seus conhecimentos e terem acesso ao lazer. Para isso, o poder público e as escolas devem estar cientes das necessidades e das ofertas de produtos e material que o espaço oferece para a atividade do turismo pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. V. de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 11ª ed. Campinas: Papirus, 2001.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo. Ed. SENAC, 1998.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- FONSECA FILHO, A. da S. **Educação e turismo: Um estudo sobre a inserção do turismo no ensino fundamental e médio**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19042007-162741/>>. Acesso em: 2 de maio de 2010.
- FREIRE, P. **Política e Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HORA, A. S. S.; CAVALCANTI, K. B. Turismo Pedagógico: Conversão e Reconversão do Olhar. In: REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. (Orgs.). **Turismo Contemporâneo: Desenvolvimento, estratégia e gestão**. São Paulo/SP: Atlas, 2003.
- LIMA, L.,SIMSOM, O. **O turismo e idosos: o patrimônio imaterial como fator de atração para o turismo cultural no espaço rural**. In: Revista Turismo em Análise. USP. Vol.21, n.3, Dez 2010.p 517-538
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. São Paulo: Papirus, 1987. (Coleção Fazer/Lazer).
- _____. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, SP: Autores associados, 1996.
- MENEZES, J. N. C. **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PARO, V. H. A gestão da educação ante as exigências de qualidade e produtividade da escola pública. In: SILVA, L. H. (Org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PECCATIELLO, A. F. O. **Turismo pedagógico como uma estratégia de ensino-aprendizagem sob a óptica dos Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º ciclos do ensino fundamental**. Revista Global Tourism. Vol. 2. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/artigo.php?codigo=5&idioma=port>>. Acesso em: 24 de abril de 2010.
- PERINOTTO, A. R. C. **Turismo Pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental**. Rio de Janeiro /RJ. Caderno Virtual de Turismo (IVT – Instituto Virtual do Turismo). UFRJ. Vol. 8, n1. 2008.
- RAYKIL, E. B; RAYKIL, C. **Turismo pedagógico: uma interface diferencial no processo ensino aprendizagem**. Revista Global Tourism. Vol. 2. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/artigo.php?codigo=5&idioma=port>>Acesso em: 24 de abril de 2010.

SALGUEIRO, V. **Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura.** In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 289-310.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Aprendizagem significativa:** o lugar do conhecimento e da inteligência. Disponível em:<<http://www.uol.com.br/aprendiz/aprenderonline/Aprender/artigos/index.htm>>. Acesso em 23 de maio de 2010.

VENERA, R. **Turismo e ensino de história: potencialidades e interpretações locais.** In: Turismo em Análise. USP.Vol.21, n2. Agosto 2010. p.421 - 436

VINHA, Maria Lúcia. **O Turismo Pedagógico e a Possibilidade de Ampliação de Olhares.** In: Hórus- Revista Eletrônica de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas. Ourinhos, SP, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.faeso.edu.br/horus>> Acessado em: 30 de maio de 2010.

YASOSHIMA, J. R.; OLIVEIRA, N. S. **Antecedentes das viagens e do turismo.** In: REJOWSKI. M. (org). *Turismo no percurso do tempo.* São Paulo: Aleph, 2002, p.17-40.